

JOÃO DO RIO NA REVISTA *KOSMOS* (1904-1907)JOÃO DO RIO IN *KOSMOS* MAGAZINE (1904-1907)Álvaro Santos Simões Junior¹

RESUMO: Analisa-se neste artigo a produção de Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, na revista ilustrada *Kosmos* (Rio de Janeiro, 1904-1909), de modo a evidenciar o contraste ideológico entre o periódico, que se prestava a divulgar por todo o Brasil e no exterior as reformas “regeneradoras” por que então passava o Rio de Janeiro, e a breve colaboração do jovem jornalista, que em seus textos manifestava notável empatia pela cultura popular e a população humilde da cidade, alvos de repressão policial e de violências diversas cometidas em nome da *higiene* e do *progresso*.

Palavras-chave: Reportagem; crônica; *Belle Époque*; Paulo Barreto; cultura popular.

ABSTRACT: This article analyzes the journalistic production of Paulo Barreto, known by the pseudonym of João do Rio, in the illustrated magazine *Kosmos* (Rio de Janeiro, 1904-1909), in order to highlight the ideological contrast between the periodical, which was used to disseminate throughout Brazil and abroad the “regenerating” reforms that Rio de Janeiro was undergoing at that time, and the brief collaboration of the young journalist, who in his texts showed remarkable empathy for the popular culture and humble population of the city, both targets of police repression and various types of violence committed in the name of hygiene and progress.

Keywords: Reportage; chronicle; *Belle Époque*; Paulo Barreto; popular culture.

1 Introdução

Sob a direção de Mário Behring,² funcionário graduado da Biblioteca Nacional, a revista mensal *Kosmos* surgiu em janeiro de 1904 sem que houvesse nenhum precedente, no Brasil, de publicação ilustrada com a sua qualidade gráfica, assegurada pela impressão fotoquímica. Logo no primeiro número, por sinal, nota dos editores esclarecia que seus modelos não eram

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (2011). Professor Assistente Doutor II da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP).

² Em abril de 1905, a direção passou a Jorge Schmidt, especialista em artes gráficas, sem que mudasse de forma sensível a linha editorial da revista.

nacionais, mas “as mais notáveis publicações ilustradas europeias e norte-americanas”. Reunindo em suas oficinas “os mais variados ramos das artes gráficas”, que lhe garantiam a publicação de fotografias e ilustrações coloridas de alta qualidade, propunha-se a *Kosmos* a ser “um artístico álbum das nossas belezas naturais, dos primores dos nossos artistas, propagando o seu conhecimento a outros pontos do país e do estrangeiro” (Apresentando..., jan. 1904).³ No campo da política, prometia ser publicação neutra.

Não seria difícil, à luz da obra de Antonio Dimas (1983), contestar essa alegada neutralidade. Muito pelo contrário, *Kosmos* é um verdadeiro álbum da assim chamada Regeneração do Rio de Janeiro, processo de reformas urbanas conduzido pelo prefeito Pereira Passos com apoio do governo federal. Prestou-se também a promover iniciativas urbanísticas de outras partes do país, bem como as suas belezas naturais. Segundo a expressão cunhada por Dimas, era uma publicação para *tempos eufóricos* e, de fato, tentava transmitir para todo o Brasil e também para o exterior uma perspectiva otimista quanto às potencialidades do país em geral e do Rio de Janeiro em particular.

Com suas crônicas estrategicamente colocadas na abertura de cada número, Olavo Bilac desempenhava funções típicas de editorialista, como bem observou Dimas (1983, p. 51), e logo no primeiro número o cronista explicitou o compromisso da *Kosmos* com as reformas que tinham sido iniciadas no ano anterior:

O Brasil entrou, — e já era tempo, — em uma fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o “conforto”, já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidas por um decreto da Indiferença e da Ignorância coligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vai passar, e já está passando, por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados. Esta revista acompanhará, se o público quiser auxiliá-la, — essa lenta e maravilhosa metamorfose da lagarta em borboleta. (Bilac, jan. 1904)

Uma vez demonstrado esse viés ideológico da luxuosa revista, pretende-se aqui examinar a possibilidade de que alguns dos textos nela publicados por João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) acabavam por assumir acentuado teor contraideológico.

2 Álbum da Regeneração

No segundo número, a *Kosmos* revelava manter relações muito próximas com as autoridades responsáveis pelas reformas, pois estampou reprodução da planta das obras do porto e algumas fotos das obras em andamento. Em abril de 1904, reproduziu estudos arquitetônicos para as fachadas dos prédios que seriam construídos na Avenida Central. Reportagem fotográfica sobre o andamento das obras foi publicada na edição de setembro de 1904. Reprodução do projeto da fachada do teatro Municipal saiu em junho de 1905, assim como a fachada da Biblioteca Nacional foi contemplada em setembro de 1906 por ilustração semelhante.

³ As referências a textos da *Kosmos* encontram-se reduzidas às indicações de mês e ano, pois a revista não numerava suas páginas.

Bilac, o principal colaborador da revista, era capaz de ouvir cantos e lamentos nos ruídos produzidos pela irrefreável demolição da velha cidade:

No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. (Bilac, mar. 1904)

Em novembro de 1904, os principais prejudicados com a reforma, que perderam casas e trabalho com a demolição de cortiços, chafarizes, quiosques, pequenas lojas etc., revoltaram-se contra a proposta em discussão no parlamento de vacinação obrigatória contra a varíola e transformaram o Rio de Janeiro em uma praça de guerra. Bilac tratou com estudada superioridade as violências praticadas pela “matula desenfreada” e colocou o movimento que passou para a história como Revolta da Vacina na categoria de uma “crise de idade, crise de desenvolvimento nacional”, isto é, como algo passageiro, semelhante aos incômodos de um bebê a quem nascessem os dentes. Seria, para o cronista, o resultado previsível da falta de instrução do povo, que em sua inconsciência se tornava presa fácil da perversa exploração dos “astutos” (Bilac, nov. 1904). A educação poderia, portanto, ser remédio suficiente para tais desequilíbrios.⁴ Na mesma edição, publicava-se longo texto de Alfredo Lisboa com projeto da Avenida Central, exposição dos propósitos da obra viária e detalhamento das fases da sua construção, cuja continuidade implicitamente se assegurava a despeito das arruaças ocorridas havia pouco. Acompanhava a matéria foto do corte radical que se tinha feito no morro do Castelo, prenúncio do arrasamento total que se faria em 1922, eliminando-se mais uma vez vestígios do passado colonial.

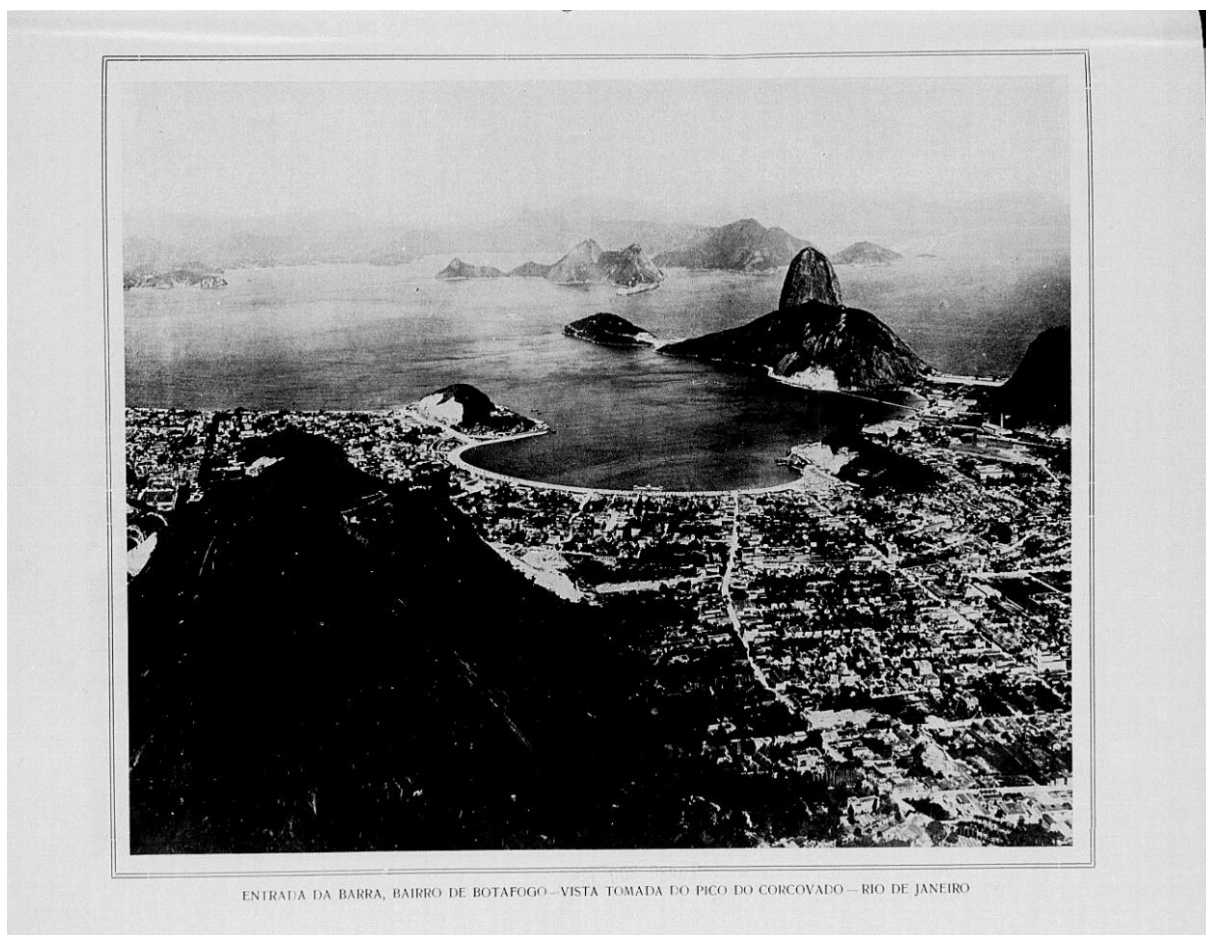
Com o passar do tempo, a *Kosmos* foi registrando, graças ao trabalho fotográfico de Augusto Malta, Marc Ferrez e outros, as melhorias implementadas pelas reformas na praça da República (Parque..., dez. 1904), na praia de Botafogo (Melhoramentos..., jan. 1905), no largo do Rossio (Melhoramentos..., mar. 1905), no porto e no canal do Mangue (Lisboa, maio 1905). No mês de maio de 1905, descreveram-se as intervenções no porto e no Mangue em textos elogiosos e publicaram-se fotos do prefeito Pereira Passos e seus auxiliares Lauro Müller e Francisco Bicalho, além de outras autoridades. O número de novembro de 1905 tratou longamente da inauguração da Avenida Central com bom número de fotos das festividades, realizadas debaixo de chuva torrencial. O porto e o canal do Mangue foram alvo de novas fotos publicadas em novembro de 1906. No número seguinte, de dezembro de 1906, publicaram-se fotos da avenida Beira-Mar.

As fotos que melhor traduziam a euforia com as reformas talvez fossem as tomadas de pontos altos da cidade, as quais permitiam uma visão da cidade transfigurada inclusive em seu aspecto paisagístico por meio, por exemplo, da transformação da enseada de Botafogo (Enseada..., dez. 1905) e da construção da avenida Beira-Mar (Avenida Beira-Mar..., dez. 1906). Era a consagrada vitória da engenharia sobre a natureza tropical e os vestígios imperiais. A mais bela foto, por meio da qual se podia observar o caráter radical das reformas, foi produzida no alto do Corcovado e permitiu apreciar o perfeito traçado curvilíneo da avenida Beira-Mar e

⁴ Em *Tempos eufóricos*, Antonio Dimas considerou a argumentação “reducionista” ao “atribuir apenas à falta de instrução primária o motivo da insatisfação” e ao tratar “a sociedade como organismo humano, sujeita a desarranjos ocasionais em fase de crescimento” (1983, p. 61).

sua articulação, em formato de foice, com a grandiosa Avenida Central (Entrada..., dez. 1906), em cuja extremidade seriam construídas as obras monumentais da Escola Nacional de Belas Artes, do Teatro Municipal e da Biblioteca Nacional.

Figura 1 – Fotografia panorâmica do Rio de Janeiro com baía da Guanabara ao fundo.



Fonte: *Kosmos* — dez. 1906

Como álbum da Regeneração, de que era veículo “comprobatório” (cf. Dimas, 1983, p 10), iam sendo expostas na *Kosmos* por belas fotografias as principais realizações da administração municipal como o novo reservatório no Silvestre (Reservatório... dez. 1904), o novo jardim da Glória, construído sobre o espaço anteriormente ocupado por antigo mercado popular (O novo jardim..., jul. 1905), e o palácio Monroe, trazido da cidade norte-americana de Saint Louis (O palácio..., ag. 1906; Palácio..., out. 1906; O palácio..., jun. 1907). Divulgavam-se também melhoramentos semelhantes conduzidos em outras cidades brasileiras como São Paulo, Belo Horizonte, Manaus, Santos, Guarujá e Petrópolis. Com isso, demonstrava-se ao mundo que a modernização por que passava o Rio de Janeiro se difundia por todo o Brasil.

Pode-se dizer que as reformas de Pereira Passos ampliaram e aceleraram um processo, muito bem estudado por Jeffrey Needell (1993), de europeização da cultura da elite e de progressivo abandono das tradições locais, associadas à fase depreciativamente chamada de

colonial que se queria deixar para trás. Sendo uma revista eclética, a *Kosmos* também se rendia ao mundanismo e, assim, apoiou e promoveu eventos que significavam tanto a gostosa aceitação de práticas e costumes estrangeiros quanto uma simbólica tomada de posse da nova cidade que surgia das mãos ciclópicas de Pereira Passos. A revista registrou com reportagens fotográficas a prática do *foot-ball* (Full-Back, ag. 1904; Sport, ag. 1904; Match..., nov. 1904), que em poucos anos seria tão combatido por Lima Barreto, competição de remo na retificada enseada de Botafogo, junto à moderna avenida Beira-Mar (Campeonato..., set. 1905), batalha de confetes realizada também na Beira-Mar (Batalha..., fev. 1907), nova competição de remo junto à Beira-Mar (As últimas..., ag. 1907) e batalha de flores na praça da República (Batalha..., set. 1907). A adesão voluntária da revista ao mundanismo ficou bem caracterizada logo no primeiro ano, quando promoveu o I Concurso de Beleza Infantil (Nossos concursos, maio 1904), restrito a meninas de dois a oito anos. Foram premiadas dez meninas, todas brancas e de cabelos lisos. A campeã, bela menina de apenas dois anos, tinha cabelos e nome germânicos: Eva Schnoor (Concurso..., out. 1904). Assim como o ministério das Relações Exteriores, que escolhia para os postos diplomáticos belos e elegantes rapazes brancos e de “boas famílias”, a *Kosmos* colaborava modestamente, com seu concurso, para divulgar, interna e também externamente, uma imagem falseada do Brasil, que era e continua sendo um país acentuadamente mestiço, a despeito da maciça imigração europeia que as autoridades republicanas incentivaram e apoiaram financeiramente nos anos em que *Kosmos* foi publicada.

3 Indígenas e negros na *Kosmos*

Diga-se, porém, que a revista não escamoteou completamente a presença indígena no país. O ecletismo da *Kosmos*, que Antonio Dimas (1983, p. 9) caracterizou como revista de “ilustração” e de “popularização”, inclinava-a a publicar matérias de ciência e cultura geral. Assim, os habitantes originários do Brasil entravam na órbita da etnografia, da arqueologia e, eventualmente, da história. No número 10 do primeiro ano, artigo tratava das “construções navais indígenas” (Câmara, out. 1904); no quarto número de 1906, teriam vez as cerâmicas ameríndias catalogadas por cientistas no Rio Grande do Sul (Barbedo, abr. 1906). Em novembro de 1907, publicou-se artigo ilustrado de oito páginas da autoria de Otacílio Barbedo com o alarmante título de “Armas guerreiras dos aborígenes do Rio Grande”. Mas as armas em questão não passavam de peças de museu e fontes para estudos arqueológicos, e o autor pretendia apenas tornar “conhecido o que de histórico, artístico e belo possui[a]mos em relação à primitiva e rude arte do homem aborígene, que, em remotos tempos, foi dominador e senhor absoluto das florestas e pampas rio-grandenses” (Barbedo, nov. 1907). O domínio territorial conquistado com a força das armas cientificamente descritas pertencia, portanto, a passado já distante.

Em junho de 1907, publicou-se um pequeno texto, acompanhado de quatro fotos, de “pequeno resto de índios”, cerca de “oitenta almas”, da etnia guarani (Índios..., junho 1907), encontrado no rio Itariri (litoral sul de São Paulo). Os rostos expressavam apreensão e, talvez, medo. No número seguinte (ano 4, n. 8), viam-se novas fotos do mesmo aldeamento. O texto que as acompanhava, assinado por X, abordava os recorrentes conflitos com indígenas e suas recentes reivindicações junto às autoridades republicanas, pois teria ocorrido, com a mudança de regime político (1889), agravamento dos assassinatos e das tomadas de terras de aldeias. O colaborador X garantia que o indígena não era “um ente mau” e que, nas relações com o homem branco, essa gente mostrava-se “crente e tímida até o momento do primeiro desengano, paciente e sofredora de todas as barbaridades que lhe proporciona[va]m os civilizados”. Diante

dos conflitos frequentes e sem solução, X expressou um lamento: “Pobre raça, ingênua, fadada ao extermínio em futuro não remoto!” (X., jun. 1907).

Das belas páginas da *Kosmos*, emergia assim o retrato de um país que tendo alcançado, já no século XVI, fama universal como terra de antropófagos, já não tinha “problemas” com “restos de índios” e “prometia” para futuro próximo seu ingresso na civilização e até mesmo o seu extermínio. Tentava-se, assim, demonstrar, especialmente a leitores estrangeiros, que o Brasil já não era “terra de bugres”.

Aos negros, a *Kosmos* reservou lugar bem modesto. No seu primeiro ano, publicou longo artigo de Raimundo Nina Rodrigues sobre a escultura como exemplo da arte de “colonos pretos do Brasil”. O texto foi ilustrado por fotografias de figuras do culto jeje-iorubano graças à convicção do sábio baiano de que, “com mais segurança e apuro”, se revelava na escultura a “capacidade artística dos negros”, que, sendo ainda artistas “rudes”, buscavam suas “fontes de inspiração” no culto dos deuses. Apesar de seu admirável interesse pela arte africana, Nina Rodrigues não deixou de denunciar sua “inferioridade”: “Não passaria pelo espírito do homem mediocrementemente instruído a ideia de aplicar à determinação do seu valor as exigências e regras artísticas por que se aferem produtos da arte nos povos civilizados” (Rodrigues, ag. 1904).

Em março de 1905, publicou-se pequeno artigo ilustrado com fotografias, da autoria de Francisco Xavier Marques, que traçava pequena história da cerimônia de lavagem do Bonfim, na península de Itapagipe, em Salvador, cerimônia sempre “suspeita de africanismo e selvagismo”. O autor descreveu os excessos de alegria e erotismo da festa, que vinha despertando a “hostilidade do clero e da imprensa”. A abordagem de Xavier Marques é, entretanto, marcada por simpatia e complacência com eventuais excessos de bebida e namoro: “É assim que se expande o catolicismo do mestiço baiano: a sua religião não dispensa, por nenhuma consideração, o aparato e o estrondo carnavalesco” (Marques, mar. 1905).

É ainda no Nordeste que a *Kosmos* vai encontrar uma manifestação cultural que, apesar de sua inquestionável origem europeia, foi enriquecida pela contribuição africana. Sendo celebrado na véspera do dia de Reis, o bumba-meu-boi é homenageado na edição de janeiro de 1906 com belo desenho de Rodolfo Amoedo e texto de Artur Azevedo. Para o consagrado dramaturgo, a festividade originava-se provavelmente de um antigo auto que se descaracterizara com o passar do tempo e com o acréscimo dos “descantes bárbaros” dos negros, transformando-se em “folguedo sem significação alguma”. O saudoso maranhense justificou seu interesse pela festa ainda celebrada em sua terra e outros lugares do Nordeste, ciente de que escrevia para os “moços cariocas”, habitantes de uma cidade cosmopolita que teria perdido “suas tradições populares” graças à repressão de autoridades policiais, principalmente após a República: “Não sei se o Rio de Janeiro conheceu o Bumba-meu-boi; sei que alguns folguedos, como o de judas em sábado de Aleluia, imortalizado na farsa de Martins Pena, foram proibidos, há muitos anos, por uma polícia inconsciente, que tinha uma ideia errada de civilização” (Azevedo, jan. 1906).

Segundo Gil (pseudônimo de Carlos de Lenoir), que em 1904 foi o substituto de Bilac na crônica de abertura enquanto o poeta parnasiano viajava pela Europa, a ruidosa romaria até a igreja de Nossa Senhora da Penha realizada em outubro era a única festividade popular remanescente no Rio da Regeneração: “De todas as festas tradicionais do Rio foi a da Penha que persistiu e ficou, enquanto as outras se desfazem e desaparecem.” Gil registrou, porém, que a festa da Penha enfrentava resistências: “Há quem não perdoe ainda à festa da Penha o seu júbilo ruidoso, quem a desdenhe como um laivo grosseiro no polimento da civilização carioca” (Gil, out. 1904).

Sampaio Ferraz, o primeiro chefe de polícia da Capital Federal, promoveu guerra de

morte contra os capoeiras. Durante o Bota-Abaixo promovido pelo prefeito Pereira Passos, outras manifestações da cultura popular foram igualmente reprimidas. Proibiu-se a venda ambulante de alimentos, retiraram-se os quiosques, que vendiam produtos alimentícios e bebidas e, como fontes e chafarizes, igualmente removidos, eram pontos de encontro de trabalhadores braçais, e reprimiram-se as festas e cantorias ao ar livre. As reformas resultaram em um efetivo processo de expulsão das classes populares com o objetivo não declarado de reservar o centro e áreas nobres como Botafogo para o usufruto exclusivo da elite crescentemente europeizada (v. Sevcenko, 2003, p. 46-8).

4 Paulo Barreto e seus pseudônimos

Nesse contexto hostil à cultura popular, João do Rio estabeleceu com a *Kosmos* uma colaboração que durou apenas um ano e meio, mais precisamente de setembro de 1904 a fevereiro de 1906. Nesse curto período, publicou duas crônicas sobre o teatro, apreciando na primeira os espetáculos de agosto de 1904 (Rio, set. 1904) e, na segunda, traçando um elogioso perfil biográfico de Lucinda Simões (Rio, abr. 1905), estrela de primeira grandeza dos palcos brasileiros e portugueses. Publicou também, como Paulo Barreto, um conto em que figurava seu *alter ego* barão de Belfort (Barreto, set. 1904) e, como Paulo Alberto, um segundo conto direcionado ao público infantil (Alberto, fev. 1906).⁵ Em três números seguidos, de abril a junho de 1905, saiu na revista sua tradução da peça *Salomé*, de Oscar Wilde, trabalho que assinou com seu nome próprio e dedicou “a Coelho Neto, o maravilhoso estilista” (Barreto, abr. 1905). Porém, entre esses textos que seguiam o padrão editorial da revista, publicou sete outros textos que contemplavam aspectos da cultura popular carioca como a arte da tatuagem, as festividades de final de ano de grupos com ascendência africana, o teatro de bonecos, os modinheiros, o comércio de orações impressas, costumes eleitorais pouco republicanos e os cordões carnavalescos.

O texto mais afinado com a *Kosmos* era “O fim de um símbolo” (Rio, jun. 1905), reportagem em que João do Rio narrou o encontro, em *garden party* de associação de caridade, de um teatro de marionetes conduzido pelo suposto criador do João Minhoca, famosa personagem escarninha que representava um menino negro. Notava-se pelas roupas e pelo fato de estarem acompanhadas de amas que pertenciam à elite as crianças atentas ao espetáculo. Aliás, a designação inglesa para a festa ao ar livre já era reveladora do grupo social *snob* que a promovia. No pequeno palco, ocorria uma encenação do *Guarani*. Após assinalar a alegria espontânea do público infantil, o cronista associou o espetáculo às tradições locais em via de extinção:

João Minhoca foi absolutamente nacional nesta cidade de colônias e imitações. [...] foi a nossa vida no que ela tinha de pessoal — com as suas rasteiras, os negrinhos malandros, o calão, a ironia despreocupada, e, quando já nos habituávamos a perdê-lo também como temos perdido todas as tradições poeticamente inúteis, eu ia encontrar a face esperta do mariola, fazendo rir as crianças de hoje como fizera rir as de ontem! (Rio, jun. 1905)

⁵ Trata-se do texto intitulado “A história dos gafanhotos (conto para crianças)” (fev. 1906), que foi recolhido depois no livro *Era uma vez...* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909).

Uma vez encerrada a representação, o *reporter* João do Rio não resistiu ao impulso de estabelecer conversa com o artista, que lhe esclareceu a origem dos bonecos: “Todos eles foram feitos em 1880 por um entalhador hábil. As cabeleiras fazia-as o Batista a cinco mil réis, as roupas uma costureira dos teatros. São os restos do teatro de João Minhoca, baiano da freguesia de Santo Antônio, além do Carmo” (Rio, jun. 1905). Produtos do artesanato carioca, os bonecos nunca mais seriam apreciados pelo público, pois o artista estava decidido a doá-los. Com seus doze bonecos, o artista tivera seus tempos de glória. Lembrava-se nostálgico do sucesso obtido certa vez no hotel Bragança em Petrópolis, em cuja plateia estiveram assentados Dom Pedro II e a imperatriz. Nos bons tempos, fizera espetáculos em cidades do interior de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro.

Tudo, porém, mudara com a República, que lhe impusera o pagamento de impostos, e coincidia com o novo regime a entrada do *guignol*, teatro francês de marionetes, que representou concorrência feroz.

A conversa foi bruscamente interrompida por um cavalheiro da associação de caridade, que se dirigiu ao artista: “Aposto que esteve a falar do imperador e a atacar o *guignol*. Esse Batista! Meu caro, despache os seus bonecos. No Rio já não temos rasteiras nem moleques. Despache os bonecos e vá dormir” (Rio, jun. 1905). A negação da existência no Rio que, segundo a coluna “Binóculo” da *Gazeta de Notícias*, se civilizava de meninos pobres vagando pela cidade e de capoeiristas com suas rasteiras não resistiria a um exame bem superficial, mas a fala um tanto rude expressava a convicção generalizada em certos grupos de que as “velhas tradições” da cidade estavam com os dias contados em virtude da modernização irresistível. Assim, o endiabrado João Minhoca estaria fadado a também tornar-se peça de museu como as estatuetas de orixás e as cerâmicas e armas indígenas.

Com “A musa urbana”, João do Rio veio a tratar de uma produção cultural de vigorosas raízes populares que ainda tinha espaço no Rio de Janeiro do Bota-Abaixo. Até as portas dos salões burgueses ou aristocráticos se abriam de par em par aos modinheiros Geraldo, Eduardo das Neves, Baiano e Catulo da Paixão Cearense. De Catulo, João do Rio disse haver estudado os compositores eruditos Bellini, Donizetti, Fauré e Verdi, além de ter traduzido e musicado poemas de Leconte de Lisle. Com amena ironia, afirmou ser Catulo “a hiperestesia da musa urbana” (Rio, ag. 1905).

Destacou depois que o patriotismo era tema privilegiado pela canção popular. Imparcial, a modinha homenageava Floriano Peixoto e Custódio José de Melo, inimigos durante a Revolta da Armada, Antônio Conselheiro e Moreira César etc. Não havia, portanto, risco de revolta: “A musa não se encoleriza – debocha” (Rio, ag. 1905).

No caso das canções amorosas, os artistas, mestiços eles próprios, louvavam sem preconceitos os atrativos e as graças da “mulata”.

O pretenso elogio dos modinheiros esbarrava, porém, em uma restrição importante naquele tempo. Os menestréis populares padeciam de carência de conhecimento “técnico”. Não poderiam jamais ser comparados aos admirados mestres parnasianos: “Os poetas não têm versos, tem cavaquinhos, violões e a voz para dobrar e quebrar os nervos das mulheres” (Rio, ag. 1905).

As reformas de Pereira Passos, as medidas sanitárias de Osvaldo Cruz e a repressão policial não conseguiram pôr fim a um comércio popular que continuava soberano nas ruas do Rio de Janeiro: a venda ambulante de orações impressas. Em uma reportagem publicada em dezembro de 1905, João do Rio declarou-se inclusive colecionador dessas produções, incluindo “orações a santos que o Papa desconhec[ia] e nunca foram canonizados”. Seriam rezas para

todas as finalidades, dos “altos favores e até clamorosas maldades”. Com certo cinismo, garantiu o cronista não haver “em todo esse baixo mundo de crença” sequer “uma oração inteiramente altruística”. Com o aspecto de “verdadeiros requerimentos ou cartas de empenho”, muitas orações tentavam obter de S. Luís e S. Lourenço intervenções em dificuldades amorosas. Embora fizesse delas um objeto digno da atenção do privilegiado leitor da *Kosmos*, João do Rio zombou das incongruências e obscuridades dessas publicações e, ao mesmo tempo, dos poetas simbolistas, dizendo que algumas das orações seriam “tão lindas como as poesias nefelibatas” (Rio, dez. 1905).

O Rio da Regeneração sofria ainda com acentuado atraso nos costumes políticos. Com o texto intitulado “Chuva de candidatos”, publicado em janeiro de 1906, João do Rio tratou de uma eleição para deputados federais. Os que se candidatavam a essa importante representação seriam indivíduos de uma espécie muito particular, que vivia apenas três meses, justamente o tempo da campanha. Com uma sequência de hipérboles irônicas, o colaborador da *Kosmos* expressou seu desprezo por esses candidatos: “Cada um deles é um modelo de democracia capaz de meter no buraco de um dente Jefferson e José Bonifácio; cada um deles é uma fonte de sorrisos, uma floresta de abraços, um fonógrafo de frases amenas” (Rio, jan. 1906).

Com assistencialismo, discursos piedosos, cordialidade afetada etc. cada candidato procurava conquistar o eleitor esquivo e tinha a seu serviço “cabalistas, mulatos, vagabundos, sujos relapsos, sujeitos ociosos de fato no fio e vida escusa, capoeiras sinistros, que deixa[va]m as ruelas de má fama, as baiucas de monte e trinta e um⁶ para aparecer na grande obra da mistificação”. O resultado era parecer o Rio de Janeiro diferente do que era na realidade: “... durante três meses, por estas ruas de S. Sebastião habitualmente tão malcriadas, avulta o número das pessoas delicadas” (Rio, jan. 1906).

Além de modinheiros, vendedores de orações e suspeitos cabos eleitorais, João do Rio apresentou aos leitores de *Kosmos*, em novembro de 1904, os tatuadores e sua clientela marginal. O pretexto para tratar de assunto tão estranho ao “espírito” da revista era o fato de que o rei da Inglaterra recentemente se deixara tatuar. De início, o *reporter* informou que a tatuagem era mais comum entre negros, que marcavam na pele figuras do candomblé e a coroa imperial, e turcos de várias religiões, mas se encontrava disseminada por “toda a classe baixa do Rio, os vendedores ambulantes, os operários, os soldados, os criminosos, os rufiões, as meretrizes” (Rio, nov. 1904). Sendo prática frequente entre os apenados, da cadeia espalhou-se por toda a cidade.

A fonte principal do *reporter* era um certo Madruga, autor dos seguintes versos:

Venha quanto antes D. Elisa
Enquanto o Chico Passos não atíça
Fogo na cidade... (Rio, nov. 1904)

Com o pretexto de tratar da tatuagem, João do Rio registrava discretamente, com esses versos, a visão negativa que das reformas urbanas tinham as classes populares, protagonistas da Revolta da Vacina ocorrida naquele mesmo mês.

O contato com o tatuador Madruga tinha sido inspirado por livro sobre a prática da tatuagem nas prisões:

⁶ Referia-se João do Rio a modalidades de jogos de baralho.

Andei com Madruga três longos meses pelos meios mais primitivos, entre os atrasados morais e nesses atrasados, a camada que trabalha braçalmente, os carroceiros, os carregadores, os filhos dos carroceiros, deixaram-se tatuar porque era bonito e são no fundo incapazes de ir parar na cadeia por qualquer crime. A outra, a perdida, a maior, o oceano da malandragem e da prostituição é que me proporcionou o ensejo de estudar ao ar livre o que Ernesto Sena e o Dr. Ladislau estudaram na abafada atmosfera das prisões. (Rio, nov. 1904)

O que tornou João do Rio um escritor muito especial da chamada *Belle Époque* foi sua notável empatia com os oprimidos e marginais, e nessa reportagem da *Kosmos* sobre a tatuagem procurou compartilhar esse sentimento com o privilegiado leitor da luxuosa revista, tão distante socialmente dos tatuados e tatuadores:

Em um meio de tão fraca ilusão, onde as missangas substituem os *penditifs* de arte e a vida que ruge entre o Desejo e o Crime, depois de muito ver os pobres entes marcados como uma cavalhada, — a cavalhada da Luxúria e do Assassínio, começa a gente a sentir uma concentrada emoção e a imaginar com inveja o prazer humano, o prazer carnal, que eles terão ao sentir um nome e uma figura debaixo da pele, inalteráveis e para todo o sempre. (Rio, nov. 1904)

5 Festividades populares

Outro texto de João do Rio foi em dezembro de 1904 dedicado ao “Natal dos africanos”, que corresponderia a cerimônias e festas realizadas de 15 de novembro a treze de janeiro, englobando Natal, primeiro de janeiro, dia de Reis e festa do Senhor do Bonfim. Com evidente exagero, garantia o *reporter* que no período se festejavam “pelo menos 24 santos”. Nessas festividades populares, teriam lugar batuques, sacrifícios de animais, transes, oferendas e ação de prostitutas que juntavam dinheiro “para os *ebós* e os vestidos e as contas” do santo de sua devoção. Eram “vinte oito dias desesperados” transformados pela “fantasia africana” em “um outro carnaval”, quando a cachaça fazia “delirar de luxúria e pavor a tropa dos estranhos fetiches” (Rio, dez. 1904).

Apesar de serem tais festas balizadas por datas conhecidas de celebração do catolicismo, o Natal dos africanos era marcado pelo sincretismo religioso: “Só não têm a influência católica os santos que representam os elementos, os fenômenos naturais, as moléstias, — o santo das ervas, a santa das águas, o deus da bexiga, a deusa da morte, o trovão, o raio, a mãe de água doce” (Rio, dez. 1904).

Dos mitos que cercavam os orixás, João do Rio narrou com detalhes a história do enlace entre Xangô e Oxum, do qual teria nascido a chuva benéfica. Tratou também das mulheres que, por toda a cidade, entravam em transe em virtude dessa crença: “Durante vinte oito dias o olimpo africano desfila nas escuras casas da rua do Hospício, barão de S. Félix, Costa, S. Diogo, S. Jorge, arrastando a carnificina de centena de animais, em honra do casamento de Oxum e Xangô, o casamento que produziu a chuva” (Rio, dez. 1904).

A reportagem se encerrou com considerações relativizadoras que expressavam muito bem a empatia de João do Rio com a cultura popular: “Como para os homens brancos a vinda de Jesus foi o supremo bem e o bálsamo divino, para os negros, queimados de sol, a chuva aplacadora, nascida do fogo e da água, foi quem sabe? o seu maior bem.”

O ápice da representação de um Rio Janeiro negro e mestiço foi a reportagem com o “Elogio do cordão”, última colaboração de João do Rio, publicada fevereiro de 1906. Nela via-se a rua do Ouvidor, coração da vida elegante carioca, tomada por carnavalescos:

A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho. [...] Sentia-se a cidade à solta, estrebuchando todo o vício naquele fim de Carnaval. [...] Um cheiro estranho misto de perfume barato, de fortum [sic], de poeira, de álcool, acendia ainda mais o baixo instinto da promiscuidade. (Rio, fev. 1906)

De repente, rompendo o público compacto, vinha o cordão:

À frente um grupo desenfreado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos, corria abrindo as bocas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como piche a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nu sustentando o tacape de ferro. (Rio, fev. 1906)

Em algumas das reportagens do João do Rio, mencionava-se a companhia de um amigo com quem se entabulava conversação e de quem sempre se obtinham oportunos esclarecimentos. Nesse texto sobre os cordões, o amigo anônimo deu-lhe explicações eruditas sobre essa ruidosa manifestação da cultura popular:

O cordão é o carnaval, o cordão é a vida delirante, o cordão é o último elo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sobre a belbutina e o reflexo discrômico das lantejoulas, tradições milenares; cada preta bêbeda desconjuntando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delírio das procissões em Biblos⁷ pela época da primavera e a fúria rábida das bacantes. (Rio, fev. 1906)

Do amigo entusiasta, para quem os cordões representavam a “a única feição verdadeira da Humanidade”, o Carnaval teria desaparecido do Rio de Janeiro “se não fosse o entusiasmo dos grupos da Gamboa, do Saco, da Saúde, de S. Diogo, da Cidade Nova ...”. O interlocutor de João do Rio defendeu esses grupos carnavalescos como uma manifestação cultural autêntica das classes populares: “Os cordões são os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio” (Rio, fev. 1906).

O erudito amigo de João do Rio associou a origem dos cordões às festas em homenagem à Nossa Senhora do Rosário nos tempos coloniais: “Já naquele tempo gostavam e saíam pelas

⁷ Biblos: nome grego de cidade portuária fenícia que hoje faz parte do Líbano.

ruas vestidos de reis, de bichos, de pajens, de guardas tocando instrumentos africanos ..." (Rio, fev. 1906).

Como João do Rio manifestasse incômodo com o caráter caótico, absurdo e fescenino das cantigas e fizesse menção de ir embora, o amigo o reteve e lhe recomendou: "Admira a confusão, o caos ululante. Todos os sentimentos, todos os fatos do ano reviravoltavam, esperneiam, enlanguescem, revivem nessas quadras feitas apenas para acertar com a toada da cantiga. Entretanto, homem frio, é o povo que fala" (Rio, fev. 1906).

6 Duas palavras finais

Provavelmente, pouco importava à *Kosmos* o que o povo tivesse para falar e certamente não estava entre os seus propósitos dar a entender que o Rio de Janeiro possuísse uma "alma encantadora e bárbara". Empenhada em mostrar ao restante do Brasil e ao mundo as ruas alargadas e as novas e amplas avenidas, talvez não lhe conviesse lembrar que sua via mais elegante fosse eventualmente tomada por uma multidão negra e mestiça, vinda dos bairros populares da Saúde, da Gamboa e da Cidade Nova e embriagada por uma euforia irrefreável, que os cultos religiosos dos africanos continuavam a ser impunemente praticados na cidade, que nela a tatuagem, arte então associada a marginais, se alastrava e que havia público certo e numeroso para orações absurdas e modinhas incultas.

O último texto do pseudônimo João do Rio publicado pela *Kosmos* adquiria especial significação ao ser ilustrado pelo "traço contínuo, cheio e limpo de esfumados" (Lima, 1963, p. 1.016) de K. Lixto (Calixto Cordeiro), cujas caricaturas engraçadas contrastavam com os sóbrios retratos fotográficos de figurões da República, regularmente estampados na revista. Em lugar dos bebês arianos, dos atléticos remadores e *foot-ballers* e dos solenes engenheiros da Regeneração, o artista do lápis figurava em caricaturas originais típicos negros e mulatos do Rio. O desenho da primeira página representava a malta anônima de um cordão que irrompia pelo par de colunas da *Kosmos* assim como surgia soberano no alto da rua do Ouvidor.⁸ Era essa a verdadeira *alma* do Rio de Janeiro que não se conseguia sufocar completamente e se mostrava graças a K. Lixto e João do Rio *encantadora*, apesar de *bárbara*, isto é, negra e mestiça.

Figura 2 – Página de João do Rio ilustrada por K. Lixto

⁸ K. Lixto seguiria representando com suas caricaturas personagens de extração popular ao ilustrar textos de Fantasio, pseudônimo de Olavo Bilac ("A dança no Rio de Janeiro", maio 1906; "A eloquência de sobremesa", jun. 1906; "Os mordedores", ag. 1906; "O namoro no Rio de Janeiro", jul. 1906; "Os que veem", out. 1906), e principalmente em "A capoeira", de L. C. (iniciais prováveis de Lima Campos), sobre a luta marcial brasileira (mar. 1906). Merecem também registro seus desenhos para o texto "Morte do palhaço", de Gonzaga Duque (jan. 1907).

KOSMOS

Elogio do Cordão

Oh ! abre ala !
Que eu quero passá
Estrella d'Arva
Do Carnavá.

ERA em plena rua do Ouvidor. Não se podia andar. A multidão apertava-se suffocada.

longas varas. Sentia-se a cidade á solta, estrebuchando todo o vicio naquelle fim de Carnaval. Homens passavam empapados d'agua, cheios de *confetti*, mulheres de chapeo de papel, curvavam as nuças á etyla dos lança-perfumes, phrases rugiam cabelludas ao lado de gargalhadas, de risos, de uivos, de berros, de guinchos. Um cheiro estranho mixto de perfume barato, de fortum, de poeira, de alcool, accendia ainda mais o baixo instincto da promiscuidade. Nós iamso indo, eu e o meu amigo nesse pandemonio quando de repente, num encontro de ruas, surgira o pavoroso *abre-alas*, emquanto acompanhado de urros, de pandeiros de xeques um outro grupo apparecia:

Sou eu ! sou eu !
Sou eu que cheguei aqui !
Sou eu Mina de Ouro
Trazendo nosso Bogary.



Havia faces congestas, sujeitos a praguejar, gritos de mulheres. A plethora da alegria punha desvarios em todas as faces. Era provavel que do largo de S. Francisco á rua Direita dançassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem cem bombos e duzentos tambores, gritassem cincoenta mil pessoas. A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxuria e de barulho. Uma illuminação violenta estrellava nos focos dos arcos de gaz, nos braços de luz Auer, nas grandes lampadas electricas, incessantemente aquecida pelas vermelhidões de incendio dos fogos de Bengala, incessantemente estriadada corrida dos archotes e das pequenas lampadas prezas a

Fonte: *Kosmos* — fev. 1906

Referências

- Alberto, P. A história dos gafanhotos (conto para crianças). *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, [p. 25-7,] fev. 1906.
- Alcântara, R. *Kosmos, um resgate para a história do design gráfico brasileiro*. Mestrado (Design) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- Apresentando ao público... *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, [p. 6,] jan. 1904.
- Avenida Beira-Mar. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 12, [p. 41], dez. 1906.
- Azevedo, A. O bumba-meu-boi. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, [p. 31-2,] jan. 1906.
- Barbedo, O. Cerâmica dos índios do Rio Grande do Sul. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, [p. 27-30,] abr. 1906.
- Barreto, P. Música de amor. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, [p. 16-7,]⁹ set. 1904.
- Barreto, P. Salomé. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, [p. 47-51,] abr. 1905.
- Barreto, P. Salomé. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, [p. 51-4,] maio 1905.
- Barreto, P. Salomé. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, [p. 44-7,] jun. 1905.
- Batalha de confetti na avenida Beira-Mar. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, [p. 10-3,] fev. 1907.
- Batalha de flores – na praça da República. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 9, [p. 29-32,] set. 1907.
- Bilac, O. Crônica. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, [p. 7-9,] jan. 1904.
- Bilac, O. Crônica. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, [p. 3-4,] mar. 1904.
- Bilac, O. Crônica. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, [p. 3-4], nov. 1904.
- Bilac, O. A dança no Rio de Janeiro. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, [p. 49-51,] maio 1906.
- Bilac, O. A eloquência de sobremesa. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, [p. 44-6,] jun. 1906.
- Bilac, O. Os mordedores. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, [p. 61-3,] ag. 1906.
- Bilac, O. O namoro no Rio de Janeiro. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, [p. 42-44,] jul. 1906.
- Bilac, O. Os que veem. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v.3, n. 10, [p. 51-4,] out. 1906.
- C., L. A capoeira. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, [p. 56-9,] mar. 1906.
- Câmara, A. A. Construções navais indígenas do Brasil. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, [p. 29-32,] out. 1904.
- Campeonato de 1905 – aspecto da enseada de Botafogo. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 9, [p. 18,] set. 1905.
- Concurso de beleza infantil. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, [p. 22-5,] out. 1904.
- Dimas, A. *Tempos eufóricos* (análise da revista *Kosmos*: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983.
- Duque, G. Morte do palhaço. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, [p. 34-9,] jan. 1907.
- Enseada de Botafogo – avenida Beira-Mar. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, [p. 57,] dez. 1905.

⁹ Os números entre colchetes correspondem à contagem automática de páginas da coleção disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

- Entrada da barra, bairro de Botafogo – vista tomada do pico do Corcovado. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 12, [p. 63,] dez. 1906.
- Full-Back. O Sr. Crulky... *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, [p. 38,] ag. 1904.
- Gil. Crônica. Crônica. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, [p. 4-6,] out. 1904.
- Índios guaranis. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, [p. 15-16,] jun. 1907.
- Lima, H. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 3.
- Lisboa, A. O canal do Manguê. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, [p. 18-24,] maio 1905.
- Marques, X. Uma tradição religiosa da Bahia. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, [p. 19-22,] mar. 1905.
- Match entre o Club Atlético Paulistano e São Paulo Athletic Club. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, [p. 23,] nov. 1904.
- Melhoramentos do Rio – praia de Botafogo. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, [p. 44,] jan. 1905.
- Melhoramentos do Rio – trecho da praça Tiradentes. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, [p. 15,] mar. 1905.
- Needell, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- Nossos concursos. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, [p. 12,] maio 1904.
- O novo jardim da Glória. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, [p. 51,] jul. 1905.
- Palácio Monroe. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 10, [p. 14,] out. 1906.
- O palácio Monroe e a Glória. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, [p. 26,] ag. 1906.
- O palácio Monroe. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, [p. 25,] jun. 1907.
- Parque da praça da República. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, [p. 12,] dez. 1904.
- Reservatório do Silvestre – Rio de Janeiro. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, [p. 61,] dez. 1904.
- Rio, J. do. A tatuagem no Rio. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, [p. 19-20,] nov. 1904.
- Rio, J. do. Chuva de candidatos. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, [p. 51-3,] jan. 1906. Artigo il. Por K. Lixto.
- Rio, J. do. Elogio do cordão. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, [p. 12-7,] fev. 1906. Il. de K. Lixto.
- Rio, J. do. Lucinda Simões: notícia autobiográfica. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, [p. 20-4,] abr. 1905. Il. com fotografias.
- Rio, J. do. Musa urbana. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, [p. 29-32,] ag. 1905.
- Rio, J. do. O fim de um símbolo. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, [p. 36-8,] jun. 1905.
- Rio, J. do. O mês no teatro. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, [p. 13-4,] set. 1904.
- Rio, J. do. O Natal dos africanos. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, [p. 41-3,] dez. 1904.
- Rio, J. do. Orações. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, [p. 32-5,] dez. 1905.
- Nodrigues, N. As belas-artes nos colonos pretos do Brasil: a escultura. *Kosmos*, Rio de Janeiro,

v. 1, n. 8, [p. 6-11,] ag. 1904.

Sevcenko, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

Sport. Foot-ball. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, [p. 40,] ag. 1904.

As últimas regatas – aspecto da avenida Beira-Mar. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, [p. 4,] ag. 1907.

X. Os nossos indígenas. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, [p. 16-23,] ag. 1907.

Recebido em: 20/09/2025

Aceito em: 27/12/2025